

RODRIGO FERREIRA DOS REIS

**DE FREUD A VALTER HUGO MÃE: A REINVENÇÃO DA
FAMÍLIA**

ORIENTADO POR AGNA FARIAS

JUIZ DE FORA – MG

" Todos nascemos filhos de mil pais e de mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós." Valter Hugo Mãe – Filho de mil homens – pag.: 188

INTRODUÇÃO

A clínica nos mostra que o problema do amor continua hegemônico, a equação que a princípio parece simples é responsável pela formação de uma complexa colcha de retalhos que envolve passionalidade, desejos sexuais e exigências sociais muitas vezes decisivos na saúde emocional do sujeito.

As complexidades do amor contemporâneo mostram tensões presentes no discurso dos pacientes, exacerbando a conflituosa relação entre tradicionalistas e progressistas. À frente de seu tempo, Valter Hugo Mãe e Freud nos fizeram deparar com questões originárias tais como: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Por que sou homem? Por que sou mulher? Qual meu desejo? O que eu quero e quem eu desejo?

DESENVOLVIMENTO

Por sua natural fragilidade, o ser humano defende uma impossível imutabilidade de valores. Apreendemos certezas históricas passadas, literalmente, de pai para filho, que vencem séculos e servem para nos deixar seguros em nossas posições limitadas e limitantes, até que as novas conjugalidades vem abalar todas essas construções historicamente elaboradas e tornam-se, assim, o grande alvo do ódio social.

Um dos personagens do livro “Filho de mil homens” é Crisóstomo, um velho e solitário pescador que nunca teve a oportunidade de formar uma família, mas mesmo assim desejava ter um filho para chamar de seu. Inicialmente, criou um boneco que por algum tempo satisfez seu sonho, todavia, aquele “homem que era só metade” aceitou a vontade de ser feliz e saiu pela cidade procurando um menino para cuidar e educar. Achou o órfão Camilo, e nunca mais a vida de ambos foi a mesma coisa.

Outra personagem que subverte a normalidade é a jovem Isaura, que resolve ceder sua “pureza” ao namorado. Após o fato consumado, cai em desgraça naquela pequena vila e se torna “impura” para os homens de bem. A inexperiente jovem reconhecia o poder que tinha no corpo: “a ferida sedutora”. Depois de muito seduzir o namorado, busca resistir ela mesma à tentação daquele “membro rijo que roçava em sua saia”. No fim, acabou cedendo ao amor e a seu magnetismo implacável.

Isaura cometeu o erro comum entre os apaixonados: a ilusão de integrar paixão, sexo, amor e casamento num mesmo encontro e lugar. Vários são os personagens que cometem o mesmo equívoco na literatura mundial: O Jovem Werther de Goethe, Cosette dos Miseráveis, Madame Bovary de Flaubert e o Homem Maricas de Valter Hugo Mãe.

Já Jean Valjean de os Miseráveis, a matriarca secular Úrsula de Cem Anos de Solidão, Crisóstomo, a Anã de Valter Hugo Mãe e alguns poucos personagens resolvem mudar esse falso axioma. Crisóstomo escolhe seguir a vida pela via do amor, adota um

filho e casa com uma mulher mais jovem, depois amplia esta família de uma forma distinta do senso comum.

Também passa a ser membro dessa família Antonino. Foi nela o único lugar onde ele se sentiu pertencente. Crisóstomo e Isaura abraçaram este “homem maricas” pela ternura, ao se questionarem “por que ele também não tinha o direito de amar e ser feliz?”

No livro conhecemos ainda uma anã de 80 cm que também desejava amar à sua maneira. Todavia, era vista pelas vizinhas fuxiqueiras como “uma meia mulher que não sabia nada de sexo” e que “não agüentava um homem por inteiro, ninguém teria coragem de vasculhar o interior dela”. “Aquela meia mulher era execrada por querer amar, não era possível amar algo daquele tipo”. A anã surpreendentemente não se importava com as vizinhas e amava livremente, sem amarras e, à sua maneira, se entregava a uma cama e outra. Por prazer e porque queria, a anã assim vivia. E foi um verdadeiro escândalo quando descobriram que ela dormia numa cama de casal e com quinze homens diferentes. Esses homens todos casados com as mesmas vizinhas que tinham pena dela. Pagou o preço com a vida. Era o que todos acreditavam.

Crisóstomo, Isaura e o “homem maricas” formaram uma estranha família aos olhos do senso comum. Valter Hugo Mãe fala de tipos comuns na atualidade: “buscam ser felizes à sua maneira”. A família de Crisóstomo descobre que “ser o que se pode é a felicidade, não adianta sonhar com o que é feito apenas de fantasia e querer aspirar ao impossível, “a felicidade é a aceitação do que se é e do que se pode vir a ser”.

Crisóstomo nos confronta com a solidão, a velhice e o inaceitável de tentar ser feliz ao fim da vida, quando se deve apenas esperar a morte. A anã que amava com o corpo apresenta a inadmissibilidade de uma mulher desejar, sem as amarras do social ou de um marido patriarcalista para determinar seu caminho. Isaura escancara o que pode acontecer à mulher que deseja. A anã morrera, já a jovem fora relegada à periferia do

social até pelos pais. Antonino - o homem maricas, nos coloca ante a impossibilidade de ser o que se é quando se vive em sociedade, a cultura nos limita e controla.

O romantismo amoroso é uma invenção cultural do Século XIX e, assim como o individualismo burguês, vem sofrendo sucessivas transformações na contemporaneidade. Freud resolveu debater sobre o dilema moral do amor a si versus o amor ao outro, a partir da relação dialética entre amor e sexo. Distintamente de Rousseau, por exemplo, ele acreditava ser impossível subordinar a sexualidade ao amor pelo outro, tal subordinação jamais seria completa ou estaria acabada.

Há complicações quando se percebe que essa dualidade sexo versus amor foi facilmente aceita pelos psicanalistas de influência francesa, como nós brasileiros por exemplo. Aceitamos que amar é um padecimento inevitável, faltoso e cruel, como se não houvesse escapatória, como se o amor romântico tivesse se solidificado também na teoria freudiana. Autores como Jurandir Freire Costa, Elisabeth Roudinesco e outros levantam a questão de que essa dualidade não é tão simples como poderia se imaginar. O eterno e suposto embate entre amor e sexo é uma construção cultural que não é encontrada em algumas comunidades da África e da Austrália como diz Freud em Totem e Tabu ao citar estudos antropológicos.

Após décadas de repressão sexual no século XIX, a solidez do romantismo amoroso começou a entrar em decadência, passando por transformações estão a família, o pudor, a repressão sexual, o público e o privado, a sacralidade do matrimônio, a reprodução biológica e a dissimetria entre homens e mulheres.

A família nuclear não é o único caminho possível para a satisfação e os destinos da pulsão, a heterossexualidade não tem como ser o único caminho possível da escolha de objeto de amor, o amor é pluri e amplo, o objeto da pulsão não é pré-determinado.

Não aceitar a família de Crisóstomo ou essas tantas famílias ditas estranhas que estão surgindo por aí é no mínimo pernicioso. Na época de Freud talvez pudesse ser

compreensível, já em pleno século XXI, é no mínimo ingenuidade teórica ou há segundas intenções ideológicas, o que nos tira do campo da ciência e nos insere no campo obscuro da inquisição, do julgamento daquilo que é normal e patológico.

Crisóstomo, Isaura, Antonino e Camilo não possuem nada de particularmente nobre, admirável ou vergonhoso no fato deles terem se unido para usufruírem do prazer sexual ou afetivo envolvido em suas relações. Torna-se necessário discutir mais sobre o texto “Pulsões e seus destinos” e as complexidades da família e do sexual. É como se tivéssemos esquecido esse importante texto de Freud lá no ano em que ele foi escrito.

Segundo Ceccarelli, nos defendemos psiquicamente desses medos e anseios pelo único recurso que possuímos: “o mundo encantado e para sempre perdido de nossa infância”. Quando o presente nos parece assustador, recorremos ao passado e às suas lembranças seguras e nos estabelecemos em lugares e/ou situações que nos dão tranquilidade.

“Como psicanalistas e cidadãos, inseridos na cultura e atentos aos movimentos pulsionais, interessa-nos entender a dinâmica pulsional que sustenta as novas organizações familiares e não prescrever, como vemos com frequência, como esta dinâmica deve ocorrer. A psicanálise não é guardiã de uma ordem simbólica suposta imutável, produtora de uma forma idealizada de subjetivação baseada nas normas vigentes e com o poder de deliberar sobre o normal e o patológico” analisa Ceccarelli em seu texto “Novas configurações familiares: Mitos e verdade”.

A família nuclear é uma exclusividade do mundo euro-ocidental. Variadas configurações familiares foram encontradas em todo mundo, até mesmo o conceito de

patriarcalismo tornou-se discutível. Já foram encontradas sociedades matriarcais onde a linhagem de descendência segue o lado materno. Qualquer conceito de família será sempre um produto do meio social em que ele está inserido, o estado apenas o institucionaliza.

Ceccarelli acrescenta: “Sabemos, no entanto, e para isso não foi necessário esperar pela psicanálise, que o modelo de família tradicional nunca foi sinônimo de “normalidade”. O argumento segundo o qual a presença do par homem/mulher é indispensável para a produção da “subjetividade sadia” não se sustenta. A prática clínica, sobretudo, a infantil, é rica em exemplos onde o problema apresentado pela criança é um sintoma dos pais. E em situações nos quais se poderia esperar um desfecho preocupante, como por exemplo, em famílias nas quais, um dos pais, se não os dois, parece não participar de forma significativa do universo psíquico da criança, esta não apresenta nenhum problema particularmente dramático”.

De acordo com Freud, Paulo Roberto Ceccarelli, Elisabeth Fux, Judith Butler e outros teóricos, tanto a hetero como a homossexualidade são destinos pulsionais ligados a resoluções edipianas e nem uma nem outra possui maior importância. Como diria Freud nos Três Ensaio, “a pulsão sexual não tem objeto fixo, ela não é como o instinto nos animais, a pulsão é diversificada, anárquica, plural e parcial”.

O descompasso visto na atualidade é o choque de um desamparo amoroso, queremos viver no século XXI com amor do século XIX. Não há como dar certo, a clínica nos comprova isso, estamos presenciando *in locu* um choque entre amor do passado e realidade presente, incomunicáveis ou distintos, necessitando uma práxis clínica cuidadosa, ética e contemporânea.

Devidamente preparados teoricamente, no desenvolvimento da própria análise e substanciando na obra freudiana, não podemos estar no seio da produção científica de larga escala, criando e produzindo soluções tecnocráticas sem o respaldo humano e

afetivo da subjetivação de ouvir de verdade o que o paciente tem a dizer para além do que a ciência considera como normal ou patológico.

O ser humano não é instinto, o sexo biológico não tem determinação na vida do sujeito e não garante o que se imagina garantir, somos reflexos de nossos imperativos pulsionais que não se balizam por valores morais apreendidos na infância. Nossa maior agonia e êxtase é “ter um cais meio ermo e sem um lugar certo para ancorar nosso desejo”. A nós psicanalistas, cabe escutar com profissionalismo e respeito o que advém desse porto de possibilidades subjetivas, sem tentativas de controle ou julgamento moral.

O livro traz temas desconfortáveis para a sociedade: o velho que deseja ser feliz no final da vida, a meia mulher que deseja e dá conta de homens insatisfeitos, um homem maricas que sofre por não ser o que se é, a mãe que não aceita o seu filho real distante de seu filho idealizado, a moça jovem que se torna “impura” ao se entregar para o calor do sexo, um viúvo no final da vida que busca uma companheira jovem para agraciar seus últimos dias, a morte que insiste em surpreender ao levar a juventude e eternizar a velhice sofrida, o jovem que mesmo pulando de família em família e colecionando mortes e dramas não reconhece aquela complexa conjugação como algo possível e marcante.

O que os protagonistas vivem no citado livro é o desprezo completo pela velhice invisível e insignificante, é o preconceito com a jovem sedutora e o “homem maricas” que não domaram suas “más inclinações” e foram deixados rotos na periferia daquela micro sociedade, é a surpresa negativa da moça que usa sua juventude para casar com um velho rico e assim ajudar a família e os amigos, perpassando pelo escárnio à mulher anã que não soube perceber que ela é menos que uma mulher e, portanto, como poderia “desejar e ser feliz”?

CONCLUSÃO

O livro “Filho de mil homens” representa o Brasil de hoje, uma grande vila de pescadores que acredita existir um plano perfeito para os tais homens de bem e o desenvolvimento de sua sexualidade atrapalhada e atabalhoada, que em pleno século XXI ainda não sabe o que fazer com a alteridade. O escritor português acerta no alvo a questão dessa sociedade religiosa e patriarcalista que vivemos hoje.

Cabe a nós psicanalistas repensar nossa clínica para ouvir a dor de quem só “deseja ser o que se é”. É necessário vivenciar em nossa própria análise e em nossa construção subjetiva, o respeito ao outro e ao que ele deseja ser, mesmo que distinto de nossos conceitos morais e das nuances de nossa própria sexualidade. É necessário o respeito à diferença.

De Freud a Valter Hugo Mãe, de Antônio Quinet a Paulo Roberto Ceccarelli e felizmente a muitos outros psicanalistas é preciso dialogar à exaustão sobre as novas conjugalidades. Discutir e rediscutir a sexualidade no século XXI é pensar e repensar a sexualidade nos tempos passado e atual e nos preparar para receber esse caldo de desejos e pulsões a explodir no social e na clínica psicanalítica como sofrimento psíquico.

Estamos preparados para receber no divã outros Crisóstomos e seus dramas existenciais sobre a velhice e o fim da vida? Estamos prontos para escutar a jovem periférica que não soube controlar seus “instintos mais sacanas”? E o que fazer com a jovem que reconhece seu potencial da juventude e o usa para tirar vantagens econômicas? E por que não estarmos prontos para mais “homens maricas” e mulheres “macho sim senhor” que adentram aos consultórios com a única intenção de ser o que se é sem que para isso se precisem sofrer e chorar ou pedir permissão a quem quer que seja? A clínica está preparada para esses desafios? E nós estudantes e profissionais de psicanálise estamos prontos para defender o que deveríamos defender, que é a pulsão e

seus imperativos? É preciso refletir sobre as novas conjugalidades para não perdermos a relevância pretendida por Freud.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300002. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.
- BOSCO, Francisco. Antinomias do amor contemporâneo. Revista Cult, São Paulo, Ano: 19. Número 218. P. 10/11, Novembro de 2016.
- CARNEIRO, Terezinha Féres Et al. Família e casal: efeitos da contemporaneidade, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009. 320 páginas.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. Disponível em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=163. Acesso em: 12 de março de 2017.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Homossexualidade e preconceito. In Somos, 1, São Paulo. Junho de 2000.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdade. Disponível em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=172. Acesso em: 12 de abril de 2017.
- COSTA, Jurandir Freire Costa. Café Filosófico: A paixão vista pelo enamorado de 15 de julho de 2013. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=jTo6V7OzyAM>. Acesso em: 04 de março de 2017.
- Costa, Jurandir Freire. As práticas amorosas na contemporaneidade. Disponível em: http://psicoclinic.dominiotemporario.com/doc/praticas_amorosas.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2017.
- EDLER, Sandra Paes Barreto. Et al. Escritos sobre psicanálise e literatura, Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2009. 162 páginas.
- FAVERET, Bianca Maria Sanches; MENDONÇA, André Luis da Silva. Et AL. Eros no Século XXI: Édipo ou Narciso?. Disponível em: <http://www.spid.com.br/revistas/r39/03%20TP39%20-%20Bianca%20Maria%20Sanches%20Faveret%20et%20al.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.
- FILHO, João Gualberto Teixeira de Carvalho; CHAVES, Wilson Camilo. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/mestradopscologia/2011/Dissertacoes/Dissertacao_Oficial.pdf](#).

Acesso em: 04 de abril de 2017.

- FREUD, Sigmund (1906-1908). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907). In: "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. IX, p. 13 a p. 88.
- FREUD, Sigmund (1906-1908). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907). In: Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. IX, p. 165 a p. 186.
- FREUD, Sigmund (1910). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XI, p. 183 a p. 197.
- FREUD, Sigmund (1910). Tabu da virgindade (contribuições à psicologia do amor III) (1918). In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XI, p. 199 a p. 217.
- FREUD, Sigmund (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) (1910). In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XI, p. 169 a p. 182.
- FREUD, Sigmund (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) (1910). In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XI, p. 169 a p. 182.
- FREUD, Sigmund (1913-1914). Totem e Tabu (1913). In: Totem e tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XIII, p. 13 a p. 174.
- FREUD, Sigmund (1917). Conferências Introdutórias sobre a psicanálise, conf. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, V. XVI, 1976. Consertar como a de baixo.
- FREUD, Sigmund (1920-1922). Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. In: Psicologia de grupo de análise do eu (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996, V. XVIII, p. 73 a p. 147.
- HANNS, Luiz. Dicionário comentado do Alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- HÉRITIER, Françoise. Dictionnaire de L'éthnologie ET de l'anthropologie. BONTE, Pierre; Izard, Michel (org.). Paris: PUF, 1991.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; QUINET, Antônio Quinet. Et al. As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. 392 páginas.
- KAMERS, Michele. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais: Estilos da clínica em Periódicos Eletrônicos em psicologia de 21 de dezembro de 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000200008
- KEHL, Maria Rita. SAFATLE, Vladimir. Café Filosófico Instituto CPFL: Afeto, psicanálise e política de 24 de setembro de 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/140304708> Acesso em: 11 de março de 2017.
- Kelh, M. R. Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade. Segunda edição. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEJARRAGA, Ana Lila. Paixão e ternura: Um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Primeira edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 186 páginas.
- MÃE, Valter Hugo. O Filho de mil homens. Terceira Edição. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 204 páginas.
- RIBEIRO, Renato Janine. A paixão vista pelo sedutor: Don Juan. Na série "Balanço do Século XX", paradigmas do Século XXI – Café Filosófico de 08 de setembro de 2003. Disponível em: <https://vimeo.com/70647131>. Acesso em: 04 de março de 2017.
- ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Segunda Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003. 199 páginas.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Sigmundo Freud: Na sua época e em nosso tempo. Primeira Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 522 páginas.
- RUDGE, Ana Maria. Et al. Traumas, São Paulo: Editora Escuta, 2006. 178 páginas.

- SUASSUNA, Ariano. Ariano Suassuna: A luta do Brasil real contra o caricato Brasil real, de 08 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.horadopovo.com.br/2014/08Ago/3272-06-08-2014/P8/pag8a.htm>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.